

México reescalona débitos de US\$ 60 bilhões

Nova Iorque — Reuters

Roberto Garcia
Correspondente

Nova Iorque — O governo mexicano assinou ontem o maior pacote de reescalonamento e financiamento já montado no mercado internacional de crédito, num total superior a 60 bilhões de dólares.

Numa cerimônia no salão de festas do Hotel Pierre, o presidente do comitê de 12 bancos que representa mais de 450 credores privados do país, William Rhodes, afirmou que "o pacote mexicano, o primeiro assinado sob o patrocínio do Plano Baker, marca o fim da fase dos programas de austeridade de curto prazo e abre um período de reformas econômicas a longo prazo que permitirão o crescimento contínuo do país". Rhodes afirmou também que "desde o princípio da crise da dívida os bancos credores do México compartilham da meta de crescimento sustentado que é a única saída para essa crise".

Por sua vez, o ministro das Finanças do México, Gustavo Petricioli, afirmou que o reescalonamento da dívida permitirá a execução do programa de crescimento estável e a transformação estrutural da economia do país. Além do reescalonamento da dívida velha, o pacote inclui também 7,7 bilhões de dólares em novos empréstimos, 6 bilhões dos quais serão desembolsados imediatamente e 1,7 bilhão que só será liberado caso a economia mexicana se desaccelere muito ou os preços do petróleo caiam dramaticamente. O empréstimo novo deverá ser amortizado em 12 anos, pagando uma margem de risco de apenas 0,81% ao ano acima da taxa flutuante de juros para operações interbancárias em Londres (Libor).

Os termos do acordo haviam sido negociados em outubro passado mas a assinatura dos contratos demorou até agora porque os bancos estavam profundamente divididos quanto à conveniência em arriscar ainda mais recursos num país considerado como "mau risco" pela maior parte deles. Depois que o Brasil suspendeu o pagamento de juros de sua dívida aos bancos privados estrangeiros, o governo mexicano demonstrou que estava cansado de sucessivos adiamentos na data da assinatura do pacote e deu um prazo até ontem a fim de que seus credores finalmente aderissem.

Temendo que o México imitasse o Brasil e, debaixo de fortes pressões tanto do departamento do Tesouro quanto do banco central americano, os grandes bancos resolveram assiná-lo. Mas até ontem vários bancos pequenos recusavam-se ainda a aderir e por causa disso os contratos permanecerão abertos à espera deles, por diversas semanas. Fontes da comissão de 12 grandes bancos que representou todos os credores particulares nas negociações com o México afirmaram que os bancos que ainda resistem ao acordo deverão contribuir com cerca de 100 milhões de dólares de todo o pacote de 7,7 bilhões de novos empréstimos.

A frustração dos mexicanos até agora era explicável. Tendo em vista os compromissos assumidos com seus credores externos no ano passado, o Governo De la Madrid havia adotado uma série de penosas reformas internas mas os bancos não estavam cumprindo sua parte. Apesar disso, a situação do país melhorou nos últimos meses porque os preços do petróleo, que tinham caído para 11 dólares quando o acordo



Gustavo Petricioli, ministro de Finanças do México (C), e William Rhodes (D) assinam o "pacote"

foi assinado, subiram novamente para 18 dólares por barril.

Além disso, a rápida desvalorização do peso, embora devastadora para os habitantes do país, tornou as exportações do país mais baratas e, assim, mais atraentes no exterior. Graças a isso, as exportações não petrolíferas subiram 40% em relação ao ano passado, superando as receitas do petróleo pela primeira vez desde 1979. Essa melhora nas contas externas do país estimulou aumento da confiança interna na administração do governo e graças a isso, afirmam banqueiros estrangeiros, a fuga de capitais que complicava muito a crise mexicana foi interrompida.

Com base em todos esses fatores, o governo De la Madrid espera que a economia volte a crescer vigorosamente nos próximos meses, estimulada principalmente pela demanda externa de produtos de exportação do país.

Graças a esses avanços, o México não está tão necessitado do empréstimo agora quanto estava no fim do ano passado. Por causa disso, muitos banqueiros estrangeiros acham que a enorme injeção de dólares agora poderá estimular esbanjamento de recursos. Refletindo esse sentimento, Greg Fager, especialista em dívida do Instituto de Finanças Internacionais — o lobby dos bancos credores — comentou que "os mexicanos parecem fazer decisões econômicas mais prudentes quando não têm muito dinheiro a sua disposição".

Fager menciona que no fim de seus mandatos os presidentes mexicanos têm sucumbido às tentações eleitorais, gastando demasiadamente para assegurar a vitória de seus candidatos e deixando o país em sérias dificuldades para pagar a dívida depois.